

Josilene Pinheiro-Mariz
Maria Jiennalle Rodrigues Barbosa
Milena Gemir Teixeira

CATACUMBAS DE SOL: UMA LÍRICA DE SILÊNCIOS E SONS NA ESCRITA DE ÉLIE STÉPHENSON

**STÉPHENSON, É. (2022). CATACUMBAS DE SOL. TRADUÇÃO
DENNYS SILVA-REIS. LEXIKOS. SÃO PAULO.**

Nascido em Caiena, Guiana Francesa, em 1944, Élie Stephenson é um dos grandes escritores guianenses da atualidade. Autor de diversos livros, passeando entre os mais diferentes gêneros como a poesia, o romance, o conto e o teatro, sua obra traz a marca de um ativismo pleno de lirismo e coragem. *Catacumbas de sol* é uma obra composta por uma coletânea de poemas que retratam os mais diversos temas dentro de uma vasta e incisiva realidade vivenciada pelo povo guianense e traduzidas do original, *Catacombes de soleil*, por Dennys Silva-Reis. Os poemas que compõem essa antologia de Stephenson revelam uma escrita, em que o autor transforma silêncios em sons, gritos, força e urgência. Assim como parece ser urgente uma Guiana Francesa livre e não mais um “un rien de pays”, conforme ele trata em uma de suas peças teatrais mais marcantes dessa força de revolta lírica.

Seus poemas tocam o humano e adentram às raízes do âmago guianense em seu sentido mais íntimo e por meio de simbolismos que marcam a sua história, a qual se confunde com a História de sua Guiana. Os poemas que compõem a Antologia em foco revelam uma poética impactante, fazendo reverberar uma força crua, real, cirúrgica e, sobretudo, revolucionária. Debruçando-nos sobre os escritos desse autor, confrontamo-nos com uma história de luta nacional a partir do ritmo voraz no estilo dos mais belos poemas consagrados à existência e a humanidade, isto porque os versos nos ajudam a nos vermos também como país “independente”. Mas, qual independência? Ora, se para o poeta, a luta pela liberdade e por território é expressamente clara, o que dizer de nossas terras consideradas livres e independentes? É, portanto, por esse viés que o poeta guianense nos conduz pelos caminhos das *Catacumbas de sol*.

No que concerne à métrica, esta é bastante diversa, construída por versos de estilos múltiplos, nesse percurso, o ritmo desses poemas nos incita à luta, colocando-nos em posição de ativismo e indignação consciente. A partir do que é possível apreender sobre os aspectos sócio-culturais e históricos da época, sem dúvida, podemos estabelecer relação direta com a história do Brasil. Terras sofridas devido a um imperialismo colonial, povos massacrados e subalternizados em suas próprias subjetividades, entretanto, somos também um povo invencível.

Em seu poema de abertura, intitulado “A rota”, dedicado à memória do ativista político guianense Léon Gontran Damas (1912-1978), escritor que, segundo Stéphenon é uma de suas principais referências, escreve:

A Rota

Somos um doce silêncio
um vento de ondas e de folhagem
uma canoa sonolenta na enseada
totens resignados
goelas sem protesto
e braços sem dardo,
(...)

E no transe e na indolência
onde se inverteram nossa memória, o patrimônio e o futuro
o poema apodítico
criou a hora e o lugar a raiz e a seiva
(...)

e mesmo se
e se mesmo
enfim

no fim
das contas
TUDO
nos foi tirado
e retirado
nos restaria a Palavra de Ordem
(Stéphenon, 2022, p. 15)

Tanto o conteúdo, como a sua disposição no papel, ou os brancos das páginas, apontam para o poema apodítico, afinal entre “e mesmo se”, “e se mesmo” e “enfim”, o que conta é que TUDO lhes foi tirado. Assim, esse poema encontra forma de vida e transformação pelo nascente de sua composição, incitando o olhar do silêncio, a questioná-lo e nos concede um caminho da chama revolucionária que norteia o desenvolvimento de Movimentos daqueles considerados por Fanon (2022), os condenados da terra, tais como as ditas minorias: negros, mulheres, indígenas e tantos outros grupos de quem (quase) tudo lhes foi tirado.

A construção da antologia é repleta de simbolismos que se unem e constroem um caminho que perpassa o coletivo, sempre batendo às portas da revolução. A memória é a nascente de sua voz, que não o deixa esquecer a barbárie, o desumano e o grotesco cometido contra o seu povo. O poema é a porta de entrada que oferece o caminho para uma rota repleta de realidades pungentes e significativas, caminho criador da hora e lugar próprio para ser voz, raiz e seiva a quem se dispuser a adentrar os territórios das *Catacumbas de Sol*.

Em prol da autoafirmação da luta dos povos guianenses, Dennys Silva-Reis foi bastante assertivo em suas escolhas tradutórias, ao deixar, por exemplo, a presença marcante dos termos crioulos, bem como os nomes das entidades, os cantos, as expressões... tudo isso está para além dessa necessidade de reivindicação dos mais diversos espaços, o que também se revela em uma forma de fazer o leitor imergir na obra, adentrando ao universo guianense. No seu conjunto, os poemas apresentam figuras de linguagem essenciais para as construções de sentidos e efeitos entre autor-poema-leitor. Para compreender as nuances dispostas em cada um dos versos é preciso estar suscetível para entender crenças outras que não aquelas que orientadas recorrentemente pelo pensamento cêntrico-ocidental.

Revoltado não apenas com os colonizadores, Élie Stéphenon discorre em muitos momentos sobre a revolta, instigando uma ideia de um ser divinamente superior;

todavia, no contraponto dessa ideia, revolta-se também com os falsos profetas que se colocam em estado de veneração, alienando povos quase sempre sofridos demais para repensar com criticidade sobre aqueles nos quais depositam sua fé e, principalmente, sua esperança. Apesar da escrita duramente crua desses poemas nos quais temos, predominantemente, retratos da morte, da tristeza e de sofrimentos outros, um aspecto singularmente curioso é a bela exaltação das figuras femininas nos poemas, como podemos ver a seguir no poema intitulado *Eleoma*:

ELEOMA

Me perdoem - Oh Mulheres - de todas as penas consoladas,
vínhamos à beira da árvore
onde mais uma manhã crescia, salvo
nossos tormentos de resina e a tormenta no parto
que sacodiam nossos corações mais alto
que as mastreações do sol onde fugiam
nossas consolações,
diante da horda e dos enxames.

De todos os prazeres não bordados -
Oh Mulheres - nunca

[postos,

que o tornar-se de seus corpos
constelações crescentes ao largo das liberdades
inspeccionadas
toda canção toda oração
todo fervor... e a poesia sem fim rebentando
de seus poros, em meio ao sumo e o suor
AQUI
onde a esperança NOS ensina no seu mais
rude turbilhão;
AQUI onde o axioma do medo é mais mestre
e mais que reiter...

Mas eu lhes bracearei - Oh Mulheres -
de todas minhas

[penas nuas

no seio de meu último caminho, vigia
busca de

[claridade,

para além do perpétuo.
(Stéphenson, 2022, p. 61)

Nesse sentido, a mulher representa o porto de uma terra amada, um encontro com o afeto e um retorno à liberdade. Representa uma luz que guia o homem em sua caminhada pelos mares, savanas e comunas, a despontar um caminho de expressividade e encantamento.

Dividido em três partes, a primeira intitulada *Fogos sobre a savana* com dezessete poemas; a segunda, *Catacumbas de Sol*, tendo treze poemas e a terceira, *Textos selvagens*, com oito poemas, a obra nos presenteia com esse prisma de olhares sobre a Guiana Francesa. O Caribe, por exemplo, é relatado com muito zelo e respeito pelo escritor e figuras revolucionárias são mencionadas para honrar seus feitos, Che Guevara e Fidel Castro são lembrados por sua importância na revolução de Cuba, cujo nome intitula o poema, no qual observamos o espelho de uma vitória contra a ditadura instaurada, fator que sustenta a fé em uma realidade outrora desacreditada, abaixo segue excerto do poema:

CUBA

Cuba
Mas o que sei de ti
Senão
CHE GUEVARA
SIERRA MAESTRA
FIDEL
e REVOLUÇÃO
escuto o clamor
que vem da Angola
em nome de Cuba
responde Guérilla
em nome de Cuba
responde Camarada.
E eu que sou apenas um
Tão pequeno país subdesenvolvido
(ao lado da América)
e sem guérilleros
que escárnio!
Mas encharco minha coragem
No teu sangue
CUBA
Grito VENCEREMOS
VENCEREMOS
E cada sol
É um pouco mais sereno
(...)
(Stéphenson, 2022, p. 84-85)

O poema que dá título à obra, compõe a segunda parte da antologia e apresenta em suas estrofes contradições que condizem com a escolha de palavras paradoxais de sua nomeação. *As catacumbas de sol* podem ser compreendidas como as incoerências disseminadas pelos homens, fator que abarca muitos âmbitos da vida, em especial o âmbito político, afinal como está posto no poema *Catacumbas de Sol*, exposto a seguir:

CATACUMBAS de SOL

O obsedante amor
 ensanguentado de um choro
 facão de solstícios
 Ah! Juventude extraviada
 nos quincunces
 de verdades de cadáveres
 (...)
 no cruzamento de seus olhos
 desfilam assim estrelas sem órbita

Sobre os contrafortes de espinhos
 Ah... este obsedante amor
 Na boca não se cansa
 E o coração não se libera
 (...)
 (Stéphenson, 2022, p. 51)

Élie Stéphenson une a solidão à união coletiva de um povo; a realidade dilacerada não é impedimento para a criação e existência e a vida encontra o seu espaço e se reinventa em meio às incertezas. Nesse cenário, a voz originária clama as memórias do seu povo por entre o soar dos tambores ao vento. O silêncio perpassa os horizontes das terras ensanguentadas e adentra o ritmo do tambor que enuncia, não mais um som no vazio, mas um clamor à liberdade expressiva que ultrapassa as correntes escravagistas, como um organismo vivo que emerge e ancora sua existência: sou e estou aqui, por isso somos e habitamos o mesmo espaço; proposição que podemos observar no poema *Fogos sobre a savana*, como também em *O tam-tam*, elencados a seguir:

FOGOS SOBRE A SAVANA

Meu olhar sumiu
 no *tam-tam* da dor
 É a hora onde o lampião
 brilha sobre o riacho
 o *zobois* nas cuias
 faz tremer o destino
 E canta o tresmalho ao vento da noite.

(...)
 os grandes fogos de fumaça
 os grandes fogos de savanas
 os grandes fogos de amizade
 está escuro no ódio
 está escuro na necrópole
 meu olhar faz clarear
 o *tam-tam* da guerra
 o fanal reanima
 meu fôlego comprimido
 e fala fala fala
 meu furor de condenado.

Fragments de *gragés*
 Fragmentos de tambor
 das formas sem chefe
 entregues à vida
 prodigalizavam o símbolo
 e asfixiavam a impotência
 borbulhavam na seiva
 e germinavam na terra
 regadas de suor
 de sangue e de lágrimas
 arranque a amargura
 amarre a rejeição
 está agradável perto do rio
viva libertad
 na noite toda vermelha
 acendamos os grandes fogos
 os grandes fogos de combate
 os grandes fogos de amizade
 os grandes fogos do amor.
 (Stéphenson, 2022, p. 20)

O TAM-TAM

Criação !!!
 perfurado
 de ritmos semeados
 em plenos golpes sobre
 os espaços petrificados
 de medalhas históricas
 levo minha pele sobre terra e urtigas!
 (...)
 romper a vida
 a morte
 a História

Criação !!!
 Levo esta palavra sobre a pele
 do tam-tam
 na elevação dos sons
 irrigando meu corpo
 e a imobilidade de minhas mãos
 adestradas
 estilizadas
 anquilosadas
 sobre insuperável abraço
 do tam-tam
 (Stéphenson, 2022, p. 34)

Em sua completude, essa obra, dentre suas diversas vertentes, denota como o poético não atinge tão somente ares de romantização, mas encontra lugar no que está vivo, real e revolucionário. Ressalte-se que Élie Stéphenson tem na poesia um espaço que lhe outorga a possibilidade de evocar a memória de seu país natal e, portanto, compreendemos que o ensejo de mostrar aos irmãos da Terra a bruta realidade imposta historicamente parece ter sido uma das motivações para a escrita desses poemas, como podemos observar no poema “Inclinação”:

INCLINAÇÃO

(...)
 Irmãos
 Despojamos
 E estamos despojados.
 Em fila indiana debaixo da ramagem
 em círculo em volta das algazarras
 (...)
 em montão
 em morte
 inspecionadas
 dilaceradas e maltratadas
 IRMÃOS
 nós mesmos despojados por Nós
 (Stéphenson, 2022, p. 82-83)

No decorrer da antologia, elencamos o crescimento do sentimento odioso em relação à vida atribuída aos povos guianenses, um ódio que é vivo e que o faz não suportar mais que disponham de sua terra, do seu povo e de si próprio, como nesse trecho do poema “Estações”:

ESTAÇÕES

Oh! Não
 não é
 que eu queira o sangue
 O SANGUE
 O SANGUE!
 (...)
 Eu não suporto
 Que DISPONHAM de
 MIM
 de minha Terra
 de meu Povo.
 (Stéphenson, 2022, p. 42-43)

Diante disso, lançamos mão dos pensamentos propostos por Aimé Césaire (1978), quando o autor faz a seguinte afirmação sobre os povos negros nativos das Antilhas do Caribe: “Nous sommes de ceux qui disent non à l’ombre. Nous savons que le salut du monde dépend de nous aussi. Que la terre a besoin de n’importe lesquels d’entre ses fils.”¹ (Césaire, 1978, p. 6). Sendo assim, fazemos nosso convite para que os leitores se rendam a essa obra e que possam entender como o colonialismo é sempre insensível com a realidade dos povos originários e como o silenciamento das revoluções ainda são fortes e encontram eco em governantes que desumanizados. Não falemos apenas das revoluções feitas por nossos antepassados, pensemos nas revoluções atuais e naquelas futuras, para que erros antes cometidos, jamais sejam repetidos.

Nessa antologia em língua portuguesa, o tradutor literário partilha conosco o que seu agente duplo nos oferece. “Justamente isso faz sua posição ser tão importante, difícil e, por isso, elucidativa. Tradução literária é, ao mesmo tempo, trabalho de artesão, arte literária e interpretação filológica”. (Ette, 2018, p. 120). O tradutor nos conduz ao sentido de “EscreverEntreMundos cujo padrão básico é relacionalidade potenciada” (Ette, 2018, p. 120).

Assim, entendemos que o desejo do poeta é que as *Catacumbas de sol* floresçam no nosso cotidiano de lutas, com seus sons e silêncios, sejam elas quais forem.

REFERÊNCIAS

- Césaire, A., Ménéil, R. (1978). *Tropiques*. Paris: Jean-Michel Place.
- Ette, O. (2018). *Escrever Entre Mundos: Literaturas sem morada fixa*. Trad. Rosani K. Umbach, Dionei Mathias e Teruco A. Spengler. Curitiba: Editora UFPR.
- Fanon, F. (2022). *Os Condenados da Terra*. Trad. Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Zahar.
- Stéphenson, É. (2022). *Catacumbas de sol*. Trad. Dennys Silva-Reis. São Paulo: Lexikos.

NOTA

- 1 “Nós somos aqueles que dizem não à sombra. Nós sabemos que a salvação do mundo depende de nós também. Que a terra precisa de qualquer um dos seus filhos.” (Césaire, 1978, p. 6, tradução nossa)

OS AUTORES

Josilene Pinheiro-Mariz

É graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestra e doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, e Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8 - Vincennes-Saint Denis. É professora associada da Universidade Federal de Campina Grande, atuando na graduação em Letras-Língua Portuguesa e Língua Francesa e na Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado e Doutorado).
E-mail: jsmariz22@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>

Maria Jiennale Rodrigues Barbosa

Graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É bolsista da REDE ANDI-FES Idiomas sem Fronteiras.
E-mail: mjiennale@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6988-3698>

Milena Gemir Teixeira

Graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).
E-mail: milgmr16@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4647-6919>